

AS IMAGENS DA CONGADA EM UBERLÂNDIA: O CORPO E O ESPAÇO

IMAGES DE LA CONGADA EN UBERLÂNDIA: LE CORPS ET L'ESPACE

Fabio Fonseca

CONGADA
HISTÓRIA DAS IMAGENS
ANTROPOLOGIA DA IMAGEM

A presente pesquisa tem o objetivo de examinar as contribuições da festa de Congada em Uberlândia com a formação de um imaginário na memória coletiva, procurando discutir a corporalidade envolvida no processo de criação das imagens e da produção artística contemporânea. Compreende as imagens como ponto de cruzamento multicultural atravessado por uma discussão entre tradição e contemporaneidade, e por uma relação entre corpo e espaço.

CONGADA
HISTOIRE DES IMAGES
ANTHROPOLOGIE DE L'IMAGE

Cette recherche vise à examiner les contributions de la fête de Congada à Uberlândia à la formation d'un imaginaire dans la mémoire collective, en cherchant à discuter de la corporalité impliquée dans le processus de création d'images et de la production artistique contemporaine. Elle cherche à comprendre les images comme un point de croisement multiculturel traversé par une discussion entre tradition et contemporanéité, et par une relation entre le corps et l'espace

ISSN 1518-5494

ISSN-E 2447-2484

1. Uma versão reduzida do presente texto foi apresentada no 32º Encontro Nacional da ANPAP, Formas de vida, em setembro de 2023. O texto que segue foi produzido com a análise de um número maior de imagens, novas considerações teóricas e reflexões.

INTRODUÇÃO¹

A festa de Congada é uma manifestação cultural comunitária que acontece em várias cidades brasileiras, ocupa ruas em eventos anuais, organizados em grupos chamados de ternos. Trata-se de um folguedo religioso de cunho afro-brasileiro que apresenta um sincretismo entre a cultura africana e o catolicismo. Ocorre um entrelaçamento transdisciplinar em uma espécie de desfile, no qual cortejos de pessoas com trajes criados para a festa dançam, tocam instrumentos, carregam imagens de santos e bandeiras com suas figuras. Esse texto procura examinar as contribuições da festa de Congada com a formação de um imaginário na memória coletiva, procurando discutir a corporalidade envolvida no processo de criação das imagens e da produção artística contemporânea. Mais especificamente, se detém sobre a Congada que ocorre na cidade de Uberlândia no estado de Minas Gerais, e sua relação com o uso do espaço urbano nessa região e a produção artística local. Para Aby Warburg (2013) a cultura festiva atua como forma de transição entre a vida e a arte. Se apoiando sobre essa consideração, esse estudo procura considerar a festa de congada em Uberlândia como eventos que ativam a criação de imagens mentais, transportadas e transformadas pela memória individual e coletiva.

Este artigo partiu da observação sobre as dimensões espaciais, temporais e simbólicas da Congada em relação à cidade de Uberlândia. A festa se concentra em frente à igreja, mas os ternos circulam pela cidade, partindo de seus pontos de concentração se direcionando para o centro da cidade. Nesse caminho as pessoas se mobilizam em suas casas para ver a passagem dos grupos que ocupam a cidade fisicamente, mas também com o som de seus instrumentos que alcançam um espaço além de sua própria imagem. As dimensões temporais são marcadas por uma longa duração, tanto pela sua preparação durante o ano e pelos eventos que antecedem a festa, como nos que acontecem após a sua realização, mas principalmente pela duração enquanto tradição anual, que marca o calendário litúrgico festivo na cidade. A dimensão simbólica da congada envolve seu aspecto religioso, mas entra em jogo também a ocupação e utilização do espaço urbano na cidade por grupos de pessoas afrodescendentes.

O estudo será feito a partir de quatro imagens de três artistas locais, Flaviane Malaquias, Alexandre França e Sérgio Rodrigues. Têm trajetórias diversas e fazem o uso de diferentes linguagens, mas nesse caso específico, compartilham uma exposição coletiva por meio do uso de imagens fotográficas e, nesse caso, utilizam a congada como tema para suas produções. A abordagem metodológica adotada, é a análise comparativa das imagens. É a tentativa de construir um conjunto de relações entre elas. Para isso, sua obra deve ser colocada em paralelo com sua realidade vivida, com o contexto histórico e antropológico no qual estava envolvido, procurando estabelecer e compreender as conexões transversais com sua produção. A abordagem analítica das imagens possibilita identificar as causas que podem ter contribuído com as inovações desenvolvidas pelos artistas e entender alguns desdobramentos dos sentidos potenciais adquiridos pelas figuras e formas.

A imagem é compreendida aqui como uma forma que pensa, procurando considerar a maneira como ela nos provoca a pensar, conforme foi proposto por Etienne Samain. Ela alimenta uma relação entre o que mostra e o que não mostra, que é a associação com “outras imagens (visíveis/exteriores; mentais/interiores) e a outras memórias”. Por um lado, ela veicula o pensamento de quem a produziu, por outro, o pensamento de quem a olhou. Independentemente dos autores e espectadores, ela

combina “um conjunto de dados sígnicos (traços, cores, movimentos, vazios, relevos)” que recebem sentidos associados entre si, ou associados com outras imagens (Saimain, 2012, p. 22-23).

A CONGADA

As festas de Congada (ou Congado) são realizadas no Brasil, ao menos, desde o século XVII. Ocorrem durante o mês de outubro, na festa de Nossa Senhora do Rosário. Câmara Cascudo (2012) aponta três elementos na sua formação: a coroação dos Reis do Congo; préstitos, reinos e embaixadas, desdobramentos de trechos da coroação; e reminiscências de bailados guerreiros e o Ciclo da Rainha Njinga Nbandi, de Angola. O folclorista apresenta um inventário de diferentes registros sobre as Congadas, em épocas e lugares diferentes, indicando a qual elemento cada prática registrada se conecta. O primeiro registro é do ano de 1674, tratava-se de uma coroação dos Reis do Congo, realizada na igreja de Nossa Senhora do Rosário no Recife. As solenidades eram prestigiadas pelas autoridades locais como forma de manter a disciplina das pessoas escravizadas, que se jubilavam com a coroação de seu rei. Apesar de manter algum tipo de estrutura e se apoiar em uma ou mais matrizes em comum, é notável a transformação nas Congadas, as diversas maneiras como a festa ocorre em diferentes épocas e lugares, incorporando características locais e temporais.

Se nos séculos iniciais as Congadas aconteciam como uma celebração relativamente modesta quanto ao uso de adereços e do espaço público, atualmente, em algumas cidades ela ganha contornos de grandes espetáculos. É o caso da Congada na cidade de Uberlândia, onde foi tombada como patrimônio imaterial em 2008. Atualmente é constituída por 24 ternos ligados à Irmandade Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Conta com ternos de Marujo, Marinheiros, Catupés, Congos e Moçambiques. Cada um com seu ritmo musical e cânticos específicos. A Festa em Louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito se inicia no mês de agosto, com os ensaios, e dura até o início do mês de outubro. Os ternos visitam devotos, rezam terços e fazem leilões em vários locais da cidade. No segundo domingo de outubro, a Festa tem seu início pela manhã com salvas de foguetes. Os grupos saem de seus quartéis, localizados em pontos diferentes da cidade e se direcionam em procissão para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário². O objeto desse estudo diz respeito à teatralidade envolvida nesses desfiles, ao espetáculo visual e sonoro que acontece anualmente na cidade, que passa pelos sentidos, marca a memória coletiva da cidade, e extrapola para a produção artística local.

Esse espetáculo envolve uma grande quantidade de pessoas, as que participam dos ternos e as que assistem; uma grande dimensão temporal, desde os preparativos nos meses anteriores aos encerramentos; uma grande dimensão espacial, com os grupos caminhando pelas ruas da cidade, direcionando-se para um ponto, tocando seus instrumentos, exibindo suas bandeiras, imagens e ornamentos. O espaço urbano se transforma em um palco de atuação cultural, que envolve as tradições populares, a atenção dos meios de comunicação de massa e de artistas visuais, cênicos e músicos que, de alguma maneira, se aproximam e participam da festa de Congada. Pode-se entender esse espaço como um campo cultural híbrido, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário como um ponto central, os ternos e seus trajetos urbanos pela cidade como eixos ou artérias que convergem para a igreja, e as pessoas que assistem e, em

2. <https://rb.gy/8hb1yj>

alguns casos, acompanham livremente os ternos, filmando e fotografando o espetáculo. Uma celebração religiosa que promove o espaço como ponto de contato entre o sagrado e o profano, uma característica própria das celebrações católicas que envolvem o uso do espaço urbano.

Para Canclini (2011) o processo de hibridação cultural é uma combinação entre estruturas ou práticas diferentes que gera novas estruturas, objetos e práticas. Pode ocorrer de modo não planejado na medida em que os grupos tradicionais inserem seus produtos no mercado conforme as demandas turísticas e de intercâmbio econômico ou comunicacional. Também surge da criatividade individual e coletiva na arte, na vida cotidiana e no desenvolvimento tecnológico, a partir da reconversão de um patrimônio inserido em novas condições de produção e mercado. A abordagem feita por artistas como Flaviane Malaquias, Alexandre França e Sérgio Rodrigues, que utilizaram o tema da Congada na exposição coletiva virtual de fotografias em 2020, En[raizamentos] da / na imagem, pode ser entendida como resultado de um processo de hibridação. Cada artista tem uma abordagem diferente, mas com a linguagem fotográfica comum às produções. São obras concebidas partindo de suas vivências com a festa, suas figuras devidamente trajadas para a festa, com seus instrumentos que determinam o ritmo dos movimentos.

Warburg (2013) atribui uma importância à percepção que o artista tem de sua realidade sensorial. Propõe que a imagem recordada é projetada de modo inconsciente sobre a obra de arte. As formas manuseadas pelo artista se desenvolvem a partir da imagem em movimento, retiradas de sua própria experiência. Também poderia formular suas imagens mentais a partir de sua realidade vivida, assim como de encenações teatrais e de festas. O autor refere-se à cultura festiva como forma de transição da vida para a arte. Considerando que nas festas as figuras se apresentavam aos artistas como “elementos físicos da vida em movimento real”, fica evidente o processo de figuração na arte (Warburg, 2013, 83-87).

O fato de serem imagens da Congada, nesse caso, não determina que sejam projeções inconscientes das memórias desses artistas em Uberlândia, elas são, de fato, a expressão de uma escolha direta por esse tema. Nesse caso é a especificidade da abordagem que define uma projeção inconsciente da memória de cada artista, o que foi escolhido para ser fotografado e a maneira como isso foi feito. Uma das imagens apresentadas por Alexandre França é o detalhe de um chapéu (imagem 1), assim como a obra de Sérgio Rodrigues (imagem 2) se apoia na representação da chapelaria utilizada na festa.

Ambas têm um chapéu como elemento principal, são feitos em tecidos brilhantes, ornamentados com cordéis, fitas, miçangas, pedras falsas, fragmentos de espelhos, e tem um elemento floral como tema central. Na medida em que estão concentradas nos objetos, refletem uma aproximação com eles e uma redução do que está em volta. Na primeira há uma eliminação total do entorno e uma concentração no chapéu rosa, com seus ornamentos brilhantes, na segunda algo é revelado além do chapéu, parte da pessoa que o utiliza, sua mão e suas roupas como texturas e cores, além do fundo nas extremidades esquerda e direita.

As fotografias de Flaviane priorizam um quadro mais amplo, o exemplo abaixo permite reconhecer as figuras e os movimentos que executam (imagem 3).

A imagem se concentra na criança que balança o instrumento criado para a festa. Seu braço esquerdo cria duas linhas diagonais orientadas a partir do centro, no limite



Imagem 1. Coleção Congadeiros, 2020. Digital. Autor: Alexandre França, fonte: <https://eve-art-br.blogspot.com/>



Imagem 2. Série Chapelaria Congadeira, 2020. Digital. Autor: Sérgio Rodrigues, fonte: <https://eve-art-br.blogspot.com/>

inferior da imagem. Acima do braço, à esquerda, o objeto que ela carrega se contrapõe visualmente ao seu rosto e seus cabelos à direita. Junto a essa figura há o cortejo com as mesmas roupas, e no fundo, outras pessoas que acompanham a festa se misturam com a fachada das lojas.

Na imagem abaixo a autora concentrou a visão sobre os trajes, acessórios e instrumentos (imagem 4).

As pessoas estão enfileiradas, de costas. São apresentadas suas pernas e parte de seus troncos. Os trajes são em um tecido brilhante azul na parte superior, com duas faixas brancas e azuis entrecruzadas, e calças brancas sobrepostas por uma saia rendada. Empunham bastões e têm um acessório atado em suas pernas. São chocalhos que produzem o som conforme andam sincronizando os movimentos com os sons.



Imagem 3. Série Fé em Movimento, 2020. Digital. Autora: Flaviane Malaquias, fonte: <https://eve-art-br.blogspot.com/>



Imagem 4. Série Fé em Movimento, 2020. Digital. Autora: Flaviane Malaquias, fonte: <https://eve-art-br.blogspot.com/>

O CORPO

Se as imagens de Sérgio e Alexandre privilegiam as cores e texturas das roupas e ornamentos, as de Flaviane colocam em evidência o corpo e a ocupação do espaço. Temos uma amostra de um universo imagético breve, mas que transita entre detalhes dos trajes e ornamentos e o movimento dos corpos que se apropriam das vias da cidade. O conjunto das quatro imagens permite uma reflexão que procura ampliar a noção de corpo na arte para além do que é visível, incluindo o corpo que está implícito, tanto da pessoa que vê a imagem, daquela que fotografou, mas principalmente de quem criou o objeto e o utiliza durante a celebração. Com isso é possível determinar que há um corpo implícito, um corpo sugerido e um corpo em evidência. A presença dos corpos nos rituais é compreendida, assim como Hans Belting (2014) em *Antropologia da Imagem*, como um meio vivo das imagens, que as produz fisicamente, mas também contém as produzidas mentalmente.

Ao situar a imagem em suas condições de produção e recepção, ou seja, compreender os processos de criação e os usos envolvidos nessa relação, coloca-se em questão a pessoa que criou o objeto e a que o observa, uma ação e uma percepção corporais. A imagem não é o meio, mas faz uso dele para tornar-se visível e transmitir suas mensagens. Ela pode migrar entre diferentes meios. Além disso, o autor adota como outra premissa que nosso corpo opera por sua conta como um meio vivo. A imagem está além do objeto visível, é preciso considerar as representações internas criadas pelo nosso cérebro. Mesmo que as imagens externas predominem no processo de percepção, elas interagem com as imagens internas passando por deslocamentos. As imagens mentais estão inscritas nas externas e vice-versa (Belting, 2014).

O estudo da antropologia das imagens deve levar em conta fundamentalmente o corpo, pois é nele que se formam as imagens, e é o corpo que as produz. É preciso conhecer o que está envolvido na produção, sobre quem fez, suas condições técnicas e sociais, as relações de mercado. Também é necessário compreender como as pessoas usam, ou usaram, essa imagem, suas funções, lugares e condições de exposição, o que está envolvido nesse processo, desde aquilo que é imanente da imagem, até aos sentidos atribuídos por quem a vê. Isso tudo ocorre no espaço público como palco de atuação cultural.

O ESPAÇO

A presença desses grupos nos espaços urbanos da cidade tem um viés além do âmbito das imagens e encontra uma dimensão social e política. Trata-se da reivindicação de uso do espaço urbano. Conforme aponta Jeremias Brasileiro (2019), para falar da Congada em Uberlândia é preciso considerar o racismo na cidade e a busca de um ofuscamento da memória da população negra e sua contribuição com a construção identitária da cidade. A Congada em Uberlândia ocorre como uma ocupação do espaço urbano, uma reivindicação ao uso da cidade. A obra dos artistas em Uberlândia coloca em questão o corpo e o espaço: Os corpos em movimento que percorrem as ruas com seus ritmos e sua visualidade, os corpos que usam os ornamentos da festa, e os corpos que fazem a festa. São imagens que fazem parte de uma memória coletiva reforçada por diferentes meios, também são o resultado de um processo de hibridação cultural, que envolve diferentes agentes, mas tem os membros dos ternos de

Congada como foco. De certo modo, pode-se compreender essa produção artística como resultado de um processo coletivo de criação.

Mais do que a descrição das misturas interculturais, é preciso estudar os processos de hibridação visando as relações de causalidade. Deve ser usado para interpretar as relações de sentido reconstruídas a partir das misturas. É necessário entendê-las em meio às ambivalências da industrialização e da massificação globalizada dos processos simbólicos e dos conflitos de poder. A compreensão dos processos de hibridação são recursos para reconhecer o diferente e elaborar as tensões das diferenças no processo de conversão da multiculturalidade em interculturalidade, na contribuição para trabalhar democraticamente com as divergências (Canclini, 2011, p. XXIV-XXVII). As imagens de Flaviane, Sérgio e Alexandre são pontos de vista de uma grande criação coletiva que tem os ternos como protagonistas. São criações artísticas que colocam em foco a festa, desde sua preparação à sua realização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso pensar a imagem a partir do que ela apresenta, do que faz visível, daquilo que é imanente. É preciso considerar sua potência, sua capacidade de vir a ser, o pensamento que ela desperta. As ideias veiculadas por uma imagem são possíveis porque ela “participa de histórias e memórias que a precedem”, se alimenta dessas lembranças ao reaparecer no agora e num futuro. Ela pertence a um tempo “longínquo, tempo mítico que a fecundou, formou-a lentamente e permanece capaz de fazê-la renascer e reviver um dia”. A imagem carrega a memória de um passado ao ser atualizada e ritualizada em uma nova forma (Samain, 2012, p. 33-34).

A festa de Congada em Uberlândia contribui com a formação de uma memória coletiva que remete a um uso tensivo do espaço urbano, no qual os ternos afirmam seu direito a utilizar a cidade como um palco de atuação cultural. Os corpos vestidos e ornamentados para a festa desfilam e ocupam as ruas. Oriundos de lugares diversos em direção a um ponto central, percorrem as artérias urbanas em pequenos grupos como afluentes em direção ao rio principal, de forma orgânica e ritmada. Embalam a cidade em um compasso coletivo que tem seu clímax diante da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Fazendo um paralelo com o conceito de Warburg figurando elementos físicos da vida em movimento real, que acabam por se refletir nas imagens da arte. É uma manifestação multicultural que permeia o imaginário com cores e ornamentos em texturas brilhantes e reflexivas.

REFERÊNCIAS

- BELTING, Hans. Antropologia da Imagem. Para uma ciência da imagem. Tradução de Artur Morão. Lisboa: KKYM + EAUM, 2014.
- BRASILEIRO, Jeremias. O Congado (a) e a permanência do racismo na cidade de Uberlândia-MG: resistência negra, identidades, memórias, vivências (1978-2018). 2019. 268f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2019.609> Acesso em: 20 junho 2023.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. São Paulo: Global, 2012.
- CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da moder-

nidade; tradução Heloisa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa, 4^a ed. São Paulo: Ed. da USP 2011.

SAMAIN, Etienne. Como pensam as imagens. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

WARBURG, Aby. A renovação da Antiguidade pagã: contribuições científico-culturais para a história do Renascimento Europeu. Tradução de Markus Hediger. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013. 744 p.

FABIO FONSECA

Docente do curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), na subárea de Desenho. Doutor em Teoria e História da Arte pela Universidade de Brasília (UnB), com período sanduíche no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Mestre em Teoria e História da Arte pela UnB. Especialista em História da Arte do Século XX e Bacharel em Gravura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP-PR). <http://lattes.cnpq.br/4450453554832020> <https://orcid.org/0000-0002-1371-5502>